

Adolescência e drogadicção: uma relação cada vez mais precoce

Adolescence and drug addiction: an increasingly precocious relationship

Adriana Vasconcelos Bernardino[†], Bianca da Silva Daniel[‡], Gabriela Sereno Valadão[‡], Luane Vieira dos Santos[‡], Mariane Silva Muniz[‡]

Resumo

Este trabalho traz uma análise do problema social que se refere ao abuso de drogas por adolescentes que experimentam suas vidas envoltas em um emaranhado de conflitos e transformações, que os levam a experimentarem novas alternativas para fugir da realidade, traçando novos rumos através do uso de substâncias ilícitas, arrasadoras, com consequências potencialmente danosas à sua condição peculiar de pessoa em desenvolvimento. Autores como Marques & Cruz (2000) relatam ser a adolescência um momento crítico e temporário de desequilíbrio e de substituições rápidas que põem em questão o equilíbrio normal ou patológico do sujeito. É evidente que se trata de uma fase, onde ocorrem grandes transformações e descobertas. Constituída por um período de mudanças, o indivíduo se modifica física, mental e emocionalmente, tornando-se uma época da vida propícia a riscos, medos e instabilidades (BEE & BOYD, 2011). Apesar de o uso de drogas ser uma prática presente desde os primórdios da humanidade, nas últimas décadas indicadores sugerem que o abuso dessas substâncias vem tomando dimensões preocupantes, sendo utilizadas de forma cada vez mais precoce, trazendo sérios prejuízos à população, principalmente junto aos adolescentes. É, atualmente, um grave problema de saúde pública, sendo essencialmente importante o papel da família coligindo com ações de prevenção do Estado para combater o uso de drogas entre adolescentes, propiciando o investimento em nível de estratégias de prevenção primária, a fim de que os mesmos não se tornem vítimas de um caminho sem volta, o que poderia custar inúmeras vidas.

Palavras-chave: Adolescência; Drogas; Prevenção.

Abstract

This work brings an analysis of the social problem which refers to the drug abuse by adolescents that experience their lives surrounded by a tangle of conflicts and transformations, which lead them to try new alternatives to escape from reality, tracing new directions through the use of illicit and devastating substances, with potentially damaging consequences to their peculiar condition of person in development. Authors like Marques & Cruz (2000) describe the adolescence as being a critical and temporary moment of instability and quick substitutions that call into question the normal or pathological balance of the subject. It is evident that it is about a phase in which occurs great transformations and discoveries. Constituted by a period of changes in which one modifies physical, mental and emotionally, making it a period of life propitious to risks, fears and instabilities (BEE & BOYD, 2011). Although the use of drugs is a present practice since the beginnings of humanity, indicators suggests that in the last decades the abuse of these substances has been growing dangerously, being used each day earlier as time passes, bringing serious harm to the population, especially to the teenagers. It is, currently, a severe public health problem, the family role being essentially important acting together with prevention actions of the State to combat the use of drugs among adolescents, providing investments in a primary prevention strategy level before there is no going back for them, which could cost many lives.

Keywords: Adolescence; Drugs; Prevention.

Introdução

O uso de drogas na história da humanidade é uma prática milenar e universal segundo Crives & Dimenstein (2003), que nem sempre teve a associação e à proporção que se tem hoje. Nas últimas décadas, indicadores sugerem que o abuso dessas substâncias vem tomando dimensões preocupantes, sendo utilizadas de forma cada vez mais precoce, trazendo sérios prejuízos à população, principalmente junto a adolescentes. Sendo que há alguns fatores colaboradores para este início, os chamados fatores de risco ⁶.

De acordo com Newcomb (1995) [*apud* ⁹], os fatores de risco para o uso de drogas incluem aspectos culturais, interpessoais, psicológicos e biológicos. São eles: a disponibilidade das substâncias, as leis, as normas sociais, as privações econômicas extremas; o uso de drogas ou atitudes positivas frente às drogas pela família, conflitos familiares graves; comportamento problemático (agressivo, alienado, rebelde), baixo aproveitamento escolar, alienação, atitude favorável em relação ao uso, início precoce do uso; susceptibilidade herdada ao uso e vulnerabilidade ao efeito de drogas. Entretanto vale ressaltar, que estes fatores não são

Afiliação dos autores: [†] Docente do curso de Psicologia da Universidade Severino Sombra; Vassouras

[‡] Discente do curso Psicologia pela Universidade Severino Sombra; Vassouras - RJ

** Endereço para correspondência: Universidade Severino Sombra, Av. Exped. Oswaldo de Almeida Ramos, 280 - Centro - Vassouras, RJ - CEP 27700-000.
email: adriana.uss@gmail.com

determinantes, eles apresentam riscos que aumentam as probabilidades dos indivíduos, que se encontram nestas situações, iniciarem o uso de drogas.

Autores como Marques & Cruz (2000) relatam ser a adolescência um momento crítico e temporário de desequilíbrio e de substituições rápidas que põem em questão o equilíbrio normal ou patológico do sujeito, sendo esta uma fase de vulnerabilidades, tendo como os mais importantes fatores que desencadeiam o uso de drogas pelos adolescentes, as emoções e os sentimentos associados a intenso sofrimento psíquico, como depressão, culpa, ansiedade exagerada e baixa auto-estima.⁹

O objetivo do referido artigo foi trazer uma análise do problema social que se refere ao abuso de drogas por adolescentes que experimentam suas vidas envoltas em um emaranhado de conflitos e transformações, que os levam a experimentarem novas alternativas para fugir da realidade, traçando novos rumos através do uso de substâncias ilícitas, arrasadoras, com consequências potencialmente danosas à sua condição peculiar de pessoa em desenvolvimento.

Materiais e métodos

O estudo está sendo realizado através do levantamento de dados encontrados na literatura, como consulta aos livros e artigos científicos relacionados ao assunto em bases de dados do *scielo*.

Resultados e discussão

Os levantamentos epidemiológicos sobre o consumo de álcool e outras drogas entre os jovens no mundo e no Brasil mostram que é na passagem da infância para a adolescência que se inicia esse uso ⁹. Nesta etapa do desenvolvimento, o indivíduo se modifica física, mental e emocionalmente. É evidente que se trata de uma fase onde ocorrem grandes transformações e descobertas, constituída por um período de mudanças, tornando-se uma época da vida propícia aos riscos, medos e instabilidades.³

A passagem da infância para a adolescência é vista como um dos pontos de maior vulnerabilidade para o início do uso de drogas (lícitas e/ou ilícitas). Além de se tratar de uma fase do desenvolvimento humano em que ocorrem muitas mudanças devido às transformações físicas e emocionais vividas, surgem ainda a curiosidade, os questionamentos, a vontade de conhecer e de experimentar o novo, mesmo sabendo dos riscos; Trata-se de um sentimento que envolve a sensação de ser capaz de tomar as próprias decisões. É o momento em que o adolescente procura identificar a sua própria identidade, não mais se baseando nas orientações dos pais, mas sim, nas relações que constrói,

principalmente com o seu grupo de amigos.¹⁴

A vulnerabilidade nessa fase pode ser entendida como a condição de risco em que o adolescente se encontra. Um conjunto de situações problemáticas, que situam a pessoa numa condição de carente, necessitada, impossibilitada de responder com seus próprios recursos à dada demanda em que vive e a afeta. Por esta razão, essa passagem da infância para a adolescência é tida como um ponto crítico, permeada de significações para o adolescente, afinal, o seu corpo infantil (o corpo que ele conhecia), está abrindo espaço para um corpo totalmente estranho, que ele terá de se apropriar de agora em diante. “Entrar no mundo dos adultos –desejado e temido – significa para o adolescente a perda definitiva de sua condição de criança”.¹

A adolescência é o momento em que o jovem se sente pressionado pela mudança repentina, de tal forma que não encontra espaço para elaborar as perdas de sua condição anterior, ou o luto pelo corpo de criança, pela identidade infantil e pela relação com os pais da infância; Além de ter que lidar com todas as mudanças psicológicas e corporais concomitantes a este processo. Isto implicará na busca de uma nova identidade, que ocorre num plano consciente e inconsciente. Para a grande maioria dos jovens, ter experiências novas (lugares, músicas, amigos e também drogas) não necessariamente lhes trará problemas permanentes, e muitos se tornarão adultos saudáveis.¹ No entanto, há jovens que passam a ter problemas a partir dessas experiências e potencializam o seu envolvimento com as drogas. Entendemos que, em parte, os riscos possam ser atribuídos às próprias características da adolescência tais como: necessidade de aceitação pelo grupo de amigos; desejo de experimentar comportamentos vistos como “de adultos”; sensação de onipotência: “comigo isso não acontece”; grandes mudanças comportamentais gerando insegurança e aumento da impulsividade.¹⁴

A curiosidade natural dos adolescentes é um dos fatores de maior influência na experimentação de álcool e outras drogas, assim como a opinião dos amigos. Essa curiosidade os faz buscar novas sensações e prazeres, vivendo um eterno presente na busca por realizações imediatas ¹.

O modismo é outro aspecto importante relacionado ao uso de substâncias entre adolescentes, pois reflete a tendência do momento, a pressão da turma, o modelo dos ídolos e os exemplos que os jovens tiveram dentro de casa. Os adolescentes são, particularmente, vulneráveis a estas influências, afinal estão saindo da infância e começando a sentir o prazer da liberdade nas pequenas coisas, desde a escolha de suas próprias roupas e atividades de lazer, até a definição de qual será o seu estilo. O adolescente deseja estar cercado por seus iguais no mundo exterior, com isso se distancia da família e busca ser aceito ou se encaixar na sociedade/grupos. Ou até mesmo se afasta desse mundo

exterior e se refugia em um mundo interno para tentar se reencontrar. Porém, em ambas as situações é comum que recorram a artifícios ou ferramentas perigosas que acreditam lhes auxiliarem na passagem por tal fase.⁵

Fazendo uma analogia, pode-se dizer que os jovens atravessam esse período como se estivessem em uma montanha-russa, ou seja, vivenciam momentos de experimentação, aceitação, impulsividade e diversos outros sentimentos manifestados com tanta facilidade, sem passar pelo filtro da razão.¹⁴ Dessa forma, a busca de emoções e o desejo de ser aceito e admirado pelos outros, duas grandes características dos adolescentes podem se converter numa mistura explosiva. Além disso, há sedução por algo que é proibido e pela curiosidade da experiência e também a falta de amadurecimento resulta na tendência a se expor aos riscos. O fácil acesso e a experimentação das drogas se tornam peculiar.

Compreendendo a relação familiar nesse contexto

A família, por sua vez, pode atuar como um fator de risco ou de proteção do uso de substâncias psicoativas. Filhos de dependentes de álcool e outras drogas apresentam risco quatro vezes maior de também se tornarem dependentes, mas o desenvolvimento da dependência irá depender da interação de: aspectos genéticos; características de personalidade e fatores ambientais, que poderão ser protetores ou até mesmo de alto risco para que o adolescente se envolva com as drogas.⁸

É de fundamental importância o papel da família na formação do adolescente. Sua função é fazer com que a criança aprenda a lidar com limites e frustrações. Crianças que crescem em um ambiente com limites e regras claras, geralmente são mais seguras e sabem o que podem e o que não podem fazer. Quando se deparam com um limite, sabem lidar com a frustração. Crianças criadas sem regras claras buscam testar os limites dentro de casa, adotando um comportamento desafiador com os pais e, posteriormente, ao entrar na adolescência, repetem esse mesmo comportamento desafiador fora de casa. Além disso, por não estarem acostumados a regras e limites, não aceitam quando estes lhes são impostos.¹⁵ O exercício das funções parentais é muito importante para que os adolescentes se desenvolvam e ultrapassem os limites de forma saudável, adquirindo uma autonomia responsável. “É porque os pais estão lá que o adolescente pode escolher lançar mão deles ou não; quer dizer, se os pais não estão presentes ele não poderá sequer fazer essa escolha”.² No entanto, quando chega a adolescência e, junto com ela a contrariedade aos pais e às regras sociais, surge também uma eficiente maneira de afastá-los. E quando isto acontece, alguns pais, acabam se ressentindo e afastando-se realmente, não deixando

que essa escolha seja do próprio adolescente e, por conseguinte, não exercem o papel que lhes é atribuído, deixando seus filhos órfãos de atenção, limites e afetos.¹⁵

Alguns estudiosos afirmam que adolescentes desafiadores e que não sabem lidar com frustrações, apresentam maior risco para o uso de drogas. Por outro lado, o monitoramento por parte dos pais e um bom relacionamento entre eles, é um importante fator de proteção em relação ao uso de drogas.

Segundo Alberti, 2010:

Não há escolha que prescindia de indicativos, direções, determinantes que lhe são anteriores. O sujeito os recebe ao longo de sua infância, dos pais, educadores, colegas, meios de comunicação, enfim, do mundo a sua volta, através do que lhe é transmitido pela linguagem falada, escrita, visual, comunicativa ou ainda pelo silêncio. E pode continuar recebendo esses mesmos indicativos, direções e determinantes, ao longo de todo processo adolescente, desde que não falte quem lhe possa transmiti-los. (2010, p. 10)

Pais devem exercer suas funções de pais, pois, o sujeito adolescente necessita vivenciar a imposição de limites, onde aprenderão a lidar com as frustrações de não poderem tudo. Em contrapartida, os jovens precisam sentir que são bons em alguma atividade, e é através dessa característica que será representada a sua identidade e função dentro do grupo. O adolescente que não consegue se destacar, seja nos esportes, estudos, relacionamentos sociais, dentre outros, ou que se sente inseguro quanto ao seu desempenho, pode buscar nas drogas a sua identificação, além de empurrá-lo para experimentar atividades nas quais ele se sinta mais seguro.

Os sintomas depressivos na adolescência são por um lado normais, em virtude das grandes mudanças biológicas e psíquicas, mas muitas vezes podem representar um fator de risco. O jovem que está triste, ansioso ou desanimado pode buscar atividades ou coisas que o ajudem a se sentir melhor. Neste sentido as drogas podem proporcionar, de forma imediata, uma melhora ou o alívio desses sintomas. Quanto mais impulsivo e menos tolerante à frustração for o adolescente, maior será esse risco.

Alguns estudos mostram que adolescentes que apresentam sintomas depressivos (se isolam da família e amigos, sentem-se infelizes, descontentes e incompreendidos, com baixa auto-estima) passam mais rápido da fase de experimentação para o abuso e, conseqüentemente, para a dependência.⁵

Alguns dados

Segundo Gerstein & Green, 1993 [apud ¹¹] o tabaco, juntamente com o álcool e a maconha, representam as três drogas mais populares entre os

adolescentes. Frequentemente, são chamadas de drogas de porta de entrada, pois seu uso costuma levar ao uso de substâncias mais aditivas, como a cocaína ou a heroína.

A idade de iniciação ao hábito de fumar está cada vez mais precoce. Adolescentes fumantes possuem alta probabilidade de se tornarem adultos fumantes, aumentando assim o risco de morbimortalidade da população por doenças crônicas e causas evitáveis. A iniciação precoce ao fumo é um preditor de uso de outras substâncias, como álcool e drogas ilícitas. Torna-se, portanto, importante monitorar a iniciação em adolescentes, por ser uma ação passível de prevenção.

A realização do VI Levantamento Nacional sobre o Consumo de Drogas Psicotrópicas entre Estudantes do Ensino Fundamental e Médio da Rede Pública e Privada de Ensino nas 27 Capitais Brasileiras, em 2010 (uma iniciativa da Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas – SENAD, em parceria com o Centro Brasileiro de Informações Sobre Drogas Psicotrópicas da Universidade Federal de São Paulo – CEBRID/UNIFESP) teve o intuito de conhecer a prevalência e os padrões de consumo de drogas e suas consequências sobre os estudantes brasileiros de ensino fundamental e médio. O presente Levantamento, tal qual o anterior, realizado em 2004, abordou estudantes das 26 capitais brasileiras e Distrito Federal. Diferencia-se dos demais, no entanto, por ampliar o universo populacional abrangido, ao incluir a rede privada de ensino. Neste sentido, ao delinear um amplo diagnóstico sobre a prevalência e os padrões de uso de diversas drogas, permite identificar as substâncias mais utilizadas por esta população, bem como os fatores de risco e proteção envolvidos.⁴

Dentre os alunos pesquisados, 24,1% nas escolas públicas e 31,6% nas escolas privadas tinham 10 a 12 anos de idade; e 5,0% e 0,3%, respectivamente, tinham 19 ou mais anos. O que já revela uma real e marcante defasagem série/idade dos alunos dos estabelecimentos públicos. As duas faixas etárias apresentando maior uso (na vida, no ano, no mês frequente e pesado) de drogas em geral, sem levar em conta o tipo de escola, tinham de 16 a 18 anos e maior de 19 anos de idade. Além disso, os alunos de 10 a 12 anos já relatavam o uso: 10,4% na vida, 5,4% no ano, 2,7% no mês, 0,3% frequente e 0,4% pesado. E foi maior o número de alunos de 10-12 anos das escolas privadas relatando uso de drogas em geral, quando comparados aos da mesma faixa etária das escolas públicas: na vida (13,9% privadas x 9,2% públicas), no ano (7,7% privadas x 4,6% públicas) e no mês (3,4% x 2,5%). Quanto às drogas específicas 30,6% dos alunos de 10-12 anos, sem levar em conta o tipo de escola, declararam ter feito uso na vida de álcool; tabaco (3,5%); inalantes (5,9%); ansiolíticos (2,6%); energéticos com álcool (1,9%) e anfetamínicos (1,3%); além de outras drogas que foram citadas por menos de

1% dos estudantes. A maconha (0,5%) e o crack (0,1%) são citados por menos de 1% das crianças de 10-12 anos. Outro dado que é importante analisar refere-se à disseminação do uso na vida de drogas em geral. Nas diferentes faixas etárias este uso foi relatado por 10,4% dos alunos com 10-12 anos; 22,5% dos 13-15 anos e 42,8% dos 16-18 anos. Com o relato de uso no ano ocorre fato semelhante: 5,4% dos 10-12 anos; 9,6% dos 13-15 anos e 17,0% dos 16-18 anos. Estes números mostram que a presença de droga é constante na vida das crianças ao longo dos anos e que possivelmente a obtenção das mesmas vai se tornando mais fácil, possivelmente devido a exposição dos alunos a inúmeros outros fatores, que se apresentou com o evoluir da idade.^{12,13}

Em relação à idade do primeiro uso de drogas

A exposição dos estudantes às drogas em geral acontece muito cedo. E de fato este uso precoce ocorre mesmo em idades inferiores a 10 anos: considerando que 5,4% dos estudantes usaram no ano anterior à pesquisa e 10,4% declararam uso na vida, obrigatoriamente cerca de 5,0% (10,4 - 5,4) devem ter iniciado a experimentação de droga antes dos 10 anos. É conhecido, já há algum tempo, que crianças de tenra idade podem fazer uso de diferentes drogas psicotrópicas; isto ocorre para diferentes drogas e em países de todos continentes⁹. O Brasil, portanto, não é exceção a esta regra sendo em nosso meio muito comum o uso por estudantes de medicamentos ansiolíticos benzodiazepínicos, anfetamínicos anoréticos, além de inalantes/solventes e energéticos, sendo todos os produtos lícitos e que podem ser adquiridos, ainda que sob controle, em qualquer estabelecimento comercial e frequentemente disponíveis nas prateleiras dos lares. Esses aspectos devem ser levados em consideração em eventuais programas de prevenção ao uso de drogas. Existem também evidências de que o uso experimental de drogas na infância e puberdade pode levar ao uso abusivo e mesmo dependência na vida adulta.¹⁰

Em síntese, os achados do VI Levantamento sugerem que programas adequados de prevenção ao uso de drogas deveriam contemplar crianças antes dos 10 anos de idade.

Considerações finais

O presente estudo ainda encontra-se em desenvolvimento, entretanto, podemos concluir que a fase da adolescência é um período crítico, de diferentes conflitos e mudanças, propiciando a curiosidade por novas experiências. Nessa fase, do desenvolvimento o adolescente recorre a novos elementos para a formação de uma identidade baseada na diferenciação de seus pais e na igualdade de seus pares. A busca pelo novo, por

ser aceito no grupo de amigos ou até mesmo por “ser o diferente”, podem representar fatores de vulnerabilidade. Sendo esse momento da vida em que os riscos pelo contato com as drogas aumentam. Resultados de alguns estudos apontam que quanto mais precoce se inicia o uso de uma substância psicoativa, maior é a probabilidade de desenvolvimento da dependência; se somado a isso, o fácil acesso que estes adolescentes tem tido às drogas, é possível justificarmos a relevância de estudos na área de prevenção primária.

Referências Bibliográficas

1. Aberastury, A.; Knobel, M. Adolescência normal: um enfoque psicanalítico. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.
2. Alberti, S. O adolescente e o outro. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.
3. Bee, H. O ciclo vital. Porto Alegre: Artmed, 1997.
4. Carlini, E. A. (supervisão) et. al., VI Levantamento Nacional sobre o Consumo de Drogas Psicotrópicas entre Estudantes do Ensino Fundamental e Médio das Redes Pública e Privada de Ensino nas 27 Capitais Brasileiras – 2010/ -- São Paulo: CEBRID - Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas: UNIFESP - Universidade Federal de São Paulo 2010. SENAD - Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas, Brasília – 503 p. SENAD, 2010.
5. Campos, D. M. S. Psicologia da adolescência: normalidade e psicopatologia. 11ª ed. Petrópolis: Vozes, 2002.
6. Crives, M. N. S.; Dimenstein, M. Sentidos produzidos acerca do consumo de substâncias psicoativas por usuários de um Programa Público. Saúde e Sociedade. 2003;12, 19-25.
7. D’Amico, E.J.; Mccarthy, D.M. Escalation and Initiation of Younger Adolescents 415 Substance Use: e Impact of Perceived Peer Use. Journal of Adolescence Health. 2006;39 (4), 481-487.
8. Lopes, G. P. Uma visão sistêmica da dependência química. Monografia. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2008.
9. Marques, R.; Cruz, M. O adolescente e o uso de drogas. Revista Brasileira de Psiquiatria. 2000: 22 (2). Disponível: <http://www.scielo.com.br> (Acessado em 19/04/2016).
10. Nappo, S.A.; Carlini, E.L.A.; Araújo, M.D.; Moreira, L.F.S.M. Prescription of anorectic and benzodiazepine drugs through notification B prescriptions in Natal, Rio Grande do Norte, Brazil. Brazilian Journal of Pharmaceutical Sciences. 2000;46 (2): 297-303.
11. Papalia, D. E.; Olds, S. W. Desenvolvimento Humano - 12ª Ed. Amgh Editora, 2013.
12. Sanchez, Z.V.D.M.; Nappo, S.A; Oliveira, L.G. Fatores protetores de adolescentes contra o uso de drogas com ênfase na religiosidade. Ciência & Saúde Coletiva. 2004;9 (1): 43-55.
13. Sanchez, Z.V.D.M.; Oliveira, L.G.; Nappo, S.A. Razões para o não-uso de drogas ilícitas entre jovens em situação de risco. Revista de Saúde Pública. 2005;39 (4): 599-605.
14. Scivoletto, S. A adolescência. São Paulo: EI – Editora Inteligente, 2004.
15. Sinay, S. A Sociedade dos filhos órfãos. São Paulo: Editora Best Sellers, 2012.